

Discurso de Péricles Prade na Recepção e posse
do Acadêmico Marcos Laffin (cadeira 9) em 10 de março de 2022
no Auditório do CIC às 19h

Excelentíssimo presidente da Academia Catarinense de Letras, Moacir Pereira, Senhora secretária, acadêmica Lélia Pereira Nunes, autoridades que integram a mesa e outras que estão presentes neste recinto.

Senhoras, senhores, funcionários e, especialmente, uma ênfase a todos quantos estão hoje recebendo Marcos Laffin na Academia Catarinense de Letras.

Quando cheguei, percebi de início que certamente teria alguma dificuldade no que tange à leitura do texto que havia preparado, haja vista ser ainda bruxuleante a luz que, neste momento, se encontra à disposição sob o ponto de vista físico de todos que comparecem a esta cerimônia. Diante dessa circunstância, eu preferi recuar e, em vez de fazer a leitura com base nas anotações que preparei para esta noite, farei com a memória do texto elaborado e oportunamente encaminharei o texto do discurso à ACL para que integre os anais desta instituição cultural.

De início, convém acentuar que Marcos Laffin, a exemplo de outras figuras literárias exponenciais, exerce paralelamente, há tempo, uma outra atividade. Ele, nascido em 1962 em Jaraguá do Sul, desde cedo mostrou vocação também para as ciências exatas e socioaplicadas; tornou-se conhecido como contador e professor de contabilidade, tendo também publicado livros técnicos a respeito, obtendo sucessivamente graduação e pós-graduação e pós-doutoramento na área contábil.

Em princípio, quando se ressalta a profissão de alguém, a impressão que sobra é que talvez se esteja dando uma atenção maior a esse aspecto do que o da obra propriamente dita. Ledo engano. O exercício de uma outra função paralela na verdade enriquece, em termos de vivência pessoal, o texto escrito. Quem não se lembra do advogado Franz Kafka, do médico Jorge de Lima, do engenheiro Joaquim de Carvalho, do funcionário público com carteirinha, Carlos Drummond de Andrade, e por aí vai.

O que eu quero, então, dizer aqui e agora é que, independentemente dessa paixão profissional ao exercício da profissão de professor de contabilidade, o que tem proeminência cultural, intelectual e literária é o conjunto das obras de Marcos Laffin. Eu as separei e, neste exato momento, mostro-as.

A primeira, intitulada Estivador, é de 1990.

A segunda é Tempo Dentro do Tempo, de 2009.

A terceira, de 2012, Muralhas de Lã.

A quarta, em coautoria com Rita de Cassia Alves, O Corpo das Hortênsias. E, por último, Cio de Pássaros, de 2017.

Essas obras confluem poesia típica e poesia atípica nos escaninhos da prosa poética. Típica pois se reveste de versos livres com poética e musicalidade. Atípica porque nos surpreende com versos reflexivos, inusitados, de grande beleza e poética. *“Coloquei a vida entre parênteses / cavei subterrâneos em mim / fiz-me manancial”* – versos que surpreendem e destilam a necessidade de pensar.

A prosa poética é perceptiva no livro Muralhas de Lã, que na verdade engloba um oxímoro, porque aparentemente há essa contradição entre muralha, que é de pedra, e a lã ligada ao tecido, e em Corpo de Hortênsias, que constitui verdadeiramente um diálogo poético travado em regime de coautoria com Rita de Cássia Alves. São versos que na tênue escuridão de uma palavra desvelam repletos significados de luminosidade. Essa potência dos versos, no conjunto de sua obra, evidencia a consciência do fazer poético e dos sentidos do poema.

Percebi que inúmeros críticos, no curso do tempo, manifestaram-se sobre a poética de Marcos Laffin: cito Harry Laus, Moacir Scliar, Helena Kolody, Marcos Konder Reis, Lauro Junkes, Celestino Sachet, Olga Savary, Lindolf Bell e tantos outros, sempre ressaltando a presença, em geral, de imagens insólitas, de extraordinário espanto, com perspectivas às vezes diferentes do curso semântico de natureza lógica. Vejam estes versos: *“Tubarões verdes amanhecem machos. Quem não viu? Quem não viu o mar com suas nervuras copulando os Tubarões?”* É uma poética de extraordinária visualização em que o imaginário escapa à lógica e nos remete à criatividade, onde o epifenômeno poético cria a existência de outras realidades.

Contudo, não gostaria, e não devo e não quero, repetir as críticas já feitas, todas, é claro, no sentido positivo, mas muitas delas merecem estar presentes nestas reflexões. Como disse Lourdes Kaminski Alves, *“são prosas inquietantes. Os poemas são de tirar o fôlego, com algumas imagens provocadas pelas palavras e pelas figuras que acompanham o texto. O conteúdo poético de Muralhas de Lã de Marcos Laffin inquieta o leitor, seja pela força selvagem da palavra viril, seja pela delicadeza da poesia a formar imagens do poeta, das memórias, das viagens, do tempo e da linguagem.*

Espero trazer à tona, a lume, uma outra observação que não constitui um desvio, mas um acréscimo para que melhor se compreenda a sua poética. Refiro-me à mudança ao longo dos tempos que Marcos Laffin teve do ponto de vista literário após a publicação do seu primeiro livro, O Estivador. Este ainda é, sob a aura do romantismo, uma poesia romântica, assim lembrada até por Dúnia de Freitas. Um romantismo que não é derramado. É um romantismo em que o lirismo, que está atrelado a ele, nasce de modo e de forma muito natural, para explicitar certas relações amorosas e todos os acontecimentos mágicos do existir humano.

Com o transcurso do tempo, houve uma pequena mudança, eu diria, porque percebi a existência de uma preocupação de fundo mais simbólico, desvelando poemas com polaridades ao misticismo e musicalidades, mas nunca longe dos oximoros que capturam a atenção do leitor e as dimensões do poema que se estendem para além da compreensão lógica. Essa percepção é localizável no livro *Tempo Dentro do Tempo*. Aliás, perguntaram a Santo Agostinho – eu sei disso porque li um texto sobre o ofício poético de Jorge Luís Borges – o que era o tempo. E o santo disse: “Se não me perguntarem o que é o tempo, eu sei, mas se perguntarem o que é o tempo, eu não sei”.

E acontece que Marcos Laffin aventurou-se dentro do próprio tempo, dando-lhe uma dimensão de transcendência: *“Na sala / um olhar debruçado de tempo / na mesa antiga / toalhas de linho / farpas de pão”*. Aí, nessa transcendência, percebo essa remissão de natureza simbólica, que aqui não guarda relação alguma com o simbolismo do tipo de Alfonso de Guimarães, e muito menos o simbolismo da ressonância, da sonoridade semântico-verbal de um Cruz de Sousa, mas um simbolismo que está ligado ao símbolo enquanto tal, a raiz, a origem da expressão literária: *“quando não sei o que dizer / o corpo entardece / e amo um amor desmedido / e nas preces que só o corpo conhece / desaguam novenas de bem-querer / o coração ajoelhou”*.

Lauro Junkes, que foi presidente da Academia Catarinense de Letras e infelizmente já partiu, redigiu um luminoso prefácio a respeito desse livro [*Tempo dentro do Tempo*], em que marca a vitalidade poética, essa transcendência, e que liga a preocupação com o tempo, mas ligado a certa interioridade: *“O próprio título – Tempo dentro do Tempo –, a par da problemática do fluxo inexorável do tempo, da exigida ‘coragem / na margem do tempo’ denuncia a exiguidade sempre insatisfatória do tempo de escritura, do tempo de gestação e maturação do poema, tempo este que pode ser vislumbrado dentro do tempo”*.

Sempre a interioridade, eu diria. Interioridade nas suas multifacetadas existências. Interioridade nos seus grandes fragmentos. Porque toda a poesia de Marcos Laffin é perpassada pela memória. Essa memória é visceralmente ligada à infância e atravessa todos os livros, ora com as memórias do menino, ora com as memórias do homem adulto: *“o sol queima o corpo / na memória da mesa posta [...] o vento passeia de mãos dadas com as folhas / ainda sou interior [...] o tempo saliva o outro [...] outros ardem / inquisição na memória”*.

As remissões, as mãos da mãe, o afeto da avó, os amores conquistados e perdidos, os desejos sublimados, os conflitos com o mundo, seus encantos e outros desencantos, se movem em palavras que em essência desvelam poesia. Até porque, todos sabem, e como disse Charles Baudelaire, *La poésie c'est l'enfance retrouvée*. A poesia é a infância reencontrada. E a poesia perpassa toda esta obra. Isso é importante

destacar. Seus poemas desvelam poesia. Sua prosa poética demonstra a poesia em estado de impermanência.

Mas, e se não quando, nós nos deparamos em 2012 com Muralhas de Lã, este livro de prosa poética a que me referi anteriormente. Aqui percebo ressonâncias do neobarroco. Os poemas e sua prosa são versos polissêmicos inundados de metáforas. É uma prosa poética remissiva ao pensamento do passado, não o passado em termos históricos, mas o passado das vivências e experiências sentimentais. E há todo um jogo de palavras com uma riqueza semântica que merece superlativa atenção do leitor.

Trago aqui uma análise muito precisa da escritora Rosane Magaly Martins sobre Muralhas de Lã. Escreve ela: *“Laffin traz poesia entre os dedos, a prosa entre os dentes enquanto fica ‘dentro da palavra e não as reconhece’. Quanto ardor do homem que também é bicho, é mato, é fera que ‘amanhece vassalo do corpo viril ao junco’ e adormece na lava dos dias. A cópula das constelações permite fluidez, elementos raros, as urgências dos homens que domam o medo. Delicia-se com as cerejas abertas, faz-se ‘sol garimpando nudez’ enquanto lambe cicatrizes e ‘cerze a lua dos mortos’. Muralhas de lã, muralhas de uma prosa íntima, víscera de homens aproximados pela sensibilidade de quem pode tudo ser, tudo fluir e fruir do espaço que poucos são capazes de explorar. Sempre li homens que falam de mulheres, do que sentem as fêmeas em sua subjetividade masculinizada. Poucos se atreveram a mostrar o lado de dentro de si, o que trazem nos alforjes, nas espaçonaves que navegamos sem qualquer roteiro, mapa ou bússola. Marcos Laffin me trouxe vários homens. E com ele, todas as coisas que um dia quis saber de todos eles”.*

É nesta riqueza de extraordinários versos, que o conjunto da obra de Marcos Laffin, hoje recebido nesta Academia Catarinense de Letras, explode em estética, sensibilidade em versos de poesia. Essa ligação com o neobarroco, sem uma preponderância em ser neobarroco enquanto tal, mas fruto da linguagem, aí sim, enquanto tal, é que também se estendeu no Corpo de Hortênsias, considerado um duplo ramallete por Mara Cristina Fischer Rese. Neste livro existe um diálogo criativo entre um poeta e uma poeta, em que também a prosa poética domina os espaços e as temporalidades. Há um compromisso político de inquietudes e questionamentos diluídos em figurações de imagens fractais do tipo *“o carteiro festeja as vísceras da casa quieta e a bicicleta vermelha ainda vagueia no mesmo atalho”.*

Esse conjunto de temas ampliados, no entanto, acaba por concluir toda uma passagem natural, porque é em Cio de Pássaros, de 2017, que a marca aqui é mais de natureza mitológica e existencial. O pássaro como mito, aliás, lembrado isso por Celestino Sachet, está presente neste livro em diferentes formas de ser pássaro. Mas não a mitologia em si, com o seu panteão olímpico, não. É a mitologia, eu diria, pessoal, que demonstra as várias fomes da condição humana: *“o dorso inteiro no sofá / mãos lapidam o ferro / pedras no sapato novenam por pecar / no meio da rua, o grito*

suicida o ladrão / desatam fibras de clausura". Os movimentos migratórios, reais e imaginários, denotam o poema comprometido com o humano numa questionada esperança, ou como disse João Wanderley Geraldi: "*Marcos Laffin sussurra cios de homens e pássaros num tempo em que matamos os beija-flores*". São os seus mitos pessoais, extravasados pelo ato criativo para uma realidade contundente, em que muito presente está a solidão, no mais das vezes, como no caso da infância, referida de forma explícita em que "*a boca silencia rasgos*".

Mas enquanto nós passamos de um livro de sabor marcadamente romântico para outro de expressão neobarroco e outro com um decalque mais simbólico, eu percebo em Cio de Pássaros uma retomada do simbólico, mas com uma preocupação do autor por enxugar mais o texto, fazê-lo de tal forma que o leitor tenha uma empatia imediata, e isso é feito através de uma técnica que eu denomino dos fractais, a poesia fractal, a poesia dos fragmentos. São partes que se repelem, se repetem em imitações, fragmentos que comportam em fractal o seu todo. É uma linguagem poética, polissêmica e fragmentada tal como em: "*nunca o depois / a viuvez do suspiro corrompe as colinas / a porta espia a renúncia / os sapatos esperam o afeto das ruas*".

Aliás, esse fractal é muito presente nos livros anteriores, só que nos livros anteriores esse lado fragmentário se mostra numa sucessão de poemas isolados e que aparentemente vivem independentemente um do outro. Diz-se antes ou se dirá depois: no Cio de Pássaros há esse questionamento, pela linguagem, das coisas e seus lugares, há essa preocupação, que não é lúdica, mas feroz, e que aqui nada há que corresponda a brincadeiras de qualquer gênero, mas a uma responsabilidade pela fratura, pela escritura, pelo texto. Cio de Pássaros extraordinariamente explora o "*espigão de luz ancestral*" renascendo em "*brejos, troncos e esgrima*" para um voo em "*assobios eternos: migratórios*". E como se fosse uma realidade etérea diz: "*o pássaro ventou sua roupagem em pleno voo / pousou nu*".

Poder-se-ia indiscutivelmente falar durante muito sobre a obra poética de Marcos Laffin, mas entendo que hoje quem deve mais mostrar-se para o público é o novo imortal, é aquele que acaba de ser apresentado agora, porque todos ficam na expectativa de tudo quanto ele é, pessoal e institucional. Fico por aqui, desejando-lhe felicidades e terminando com uma frase muito simples:

Seja bem-vindo, querido amigo Marcos Laffin!

Péricles Prade
Cadeira 28